

ASSIGNATURAS

CAPITAL
Semestre 4\$000
PELO CORREIO
Anno 9\$000
Numero avulso 200 réis
Pagamento adiantado

SUL-AMERICANO

REDACÇÃO

RUA TRAJANO, N. 10 B

A assignatura póde começar em qualquer dia, mas acaba sempre em fim de Março, Junho, Setembro ou Dezembro.

ORGÃO IMPARCIAL

PROPRIETARIO: FRANCISCO D'ASSIS COSTA

REDACTORES: DIVERSOS

SALVE, BRAZIL!

As auras perfumosas que se desprendiam de extensas florestas mergulhadas ainda na amplidão do oceano, attrahiam docemente as náos de Cabral como um canto magnetico de poderosa sereia.

E elles deslisavam pela planície liquida, de velas desfraldadas: bando de albatrozes a brincar com as vagas.

Era nitida a linha do horizonte occidental.

Mas, eis que uma leve intumescencia nella se vai formando. Então, o marinheiro que do cesto da gavia tinha desde alguns instantes os olhos fixos naquelle ponto, arranca do intimo do peito a exclamação que por si só resume o que de mais jubiloso ha para o nauta: Terra! terra!

E este grito echoando de não em não, foi adormecer ao longe embalado na curvatura das ondas.

Descambava o sol de 22 de Abril de 1500, segundo indicava o calendario juliano. Era uma quarta-feira.

Desenrolam-se então os mappas; investigam-se os documentos registradores dos feitos audaciosos dos marinheiros do infante D. Henrique, mas em vão! nada nelles se descobre que possa orientar os navegadores sobre a existencia dessa terra que se elevava das aguas.

E assim devia ser!

As terras do Novo-Continente até ahi descobertas, estendiam-se ao norte da linha dos equinoxios; lá tinha Colombo suspenso a ponta do mysterioso véo que por tantos seculos occultara ao Velho-Mundo o herdeiro e continuador da sua pujante civilização; de lá havia a Hespanha tirado a mais brilhante perola para ornar a corôa de Isabel a *Catholica*.

Tratava-se, pois, de uma terra desconhecida, e cuja posse cabia ao pavilhão que primeiro sobre ella tremulasse.

Approxima-se Cabral; explora a costa e desce á terra.

Exulta, Portugal! o teu pavilhão sacudido pelos ventos da Africa e das Indias, é agora bafejado pela branda aragem que dos cimos floridos das serras desce a enrugado de leve a face das aguas.

Exulta, Rei afortunado! os teus dominios estendem-se ao occidente por terras a que a natureza prodigalisou os seus mais caros affectos, e espalhou as suas mais preciosas riquezas.

Exultemos todos nós, ainda depois de

quatro seculos, por este facto jubiloso que fez surgir o Brazil, — a nossa Patria muito amada — e por cuja prosperidade fazemos os mais ardentes votos.

TRES DE MAIO

Ha mais de quatrocentos annos, no seio augusto da matta virgem, foi erguido o lenho que serve de symbolo á religião sublime do Divino Martyr.

Ha mais de quatrocentos annos os indigenas do Brazil ouviram pela primeira vez a palavra de Deus, trazida pelos navegadores arrojados d'aquelles bons tempos.

Pedro Alvares Cabral havia então descoberto a nossa patria, essa patria opulenta que tanta inveja causa aos estrangeiros, essa terra prodigiosa, cuja historia já contém tantas datas gloriosas e ensinamentos profundos.

A noticia da descoberta de tão rico solo, habitado por uma raça que ainda não conhecia os albôres da civilização, percorreu o mundo, despertando nos povos a cubiça da posse.

Todos os olhares se voltavam então para o Brazil, todas as potencias invejavam a fortuna do pygmeu encravado na península iberica, arrancando das vagas, pela ousadia de seus navegadores, o paiz que ia desde então representar importante papel no certamen das nações civilizadas.

Salve! 3 de Maio!

Salve! Bemdita Cruz!

T.

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

Já no caminho pelo Gama aberto,
A' frente d'uma valorosa armada,
Em demanda da India cobicada,
Sulca as ondas Cabral, sciente, experto.

Ou foi que o desviou do rumo certo
Uma horrenda procella inesperada;
Ou foi que uma corrente accelerada
O transviou no liquido deserto;

Ou foi que o inspirou o amor á fama;
Ou foi que suggeriu-lhe o proprio Gama
No occidente tazer explorações.

Descobriu novas terras, dando novo
Lustre ao renome do valente povo
De Portugal, rainha das nações!

A. P.

MENSAGEM

Dizem que foi lida na camara uma mensagem do governo pedindo a retirada do tratado de commercio celebrado com a Bolivia.

O acto do governo foi communicado ao ministro d'aquella Republica, constando que este consultara o seu governo se, deante da nota, deve permanecer aqui.

UM QUADRO

O vento varre a immensidade das aguas.
A noite não tem estrellas e o mar sacode enormes vagas que vão de cava em cava espraizar-se com medonho estrondo.

O relampago fende o espaço e a voz potente do trovão reboia pelo infinito.

A natureza tem assim um aspecto infernal, apavorando todos os seres que se sentem pequeninos ante a magestade de seu poder indomito.

Nem uma voz tenta fazer-se mais poderosa que a furia da tormenta, nem tão pouco a sabedoria do homem ainda poude subjugar esses impetos de pavorosa lucta.

E o raio estala no espaço, o vento rompe negros mantos que se vão a perder no infinito e a chuva desprende-se em fios de prata.

Depois . . . traz a manhã serena claridade, o vento calma a sua furia, o mar socega as ancias de suas vagas e o ceo despe-se de seu negror para receber na pureza de sua cor azul-elara o sol que vem abrindo a dourada porta do Oriente.

Mendes Lima.

D. José de Camargo Barros

Festejou a 24 do passado, o seu 44° anniversario natalicio S. Ex. o sr. D. José de Camargo Barros, Bispo de Curytiba.

O nosso distincto collega da *Republica*, noticiando aquelle acontecimento, estampou em sua primeira pagina o retrato do illustre prelado, acompanhando o de alguns traços biographicos.

TRES DE MAIO

O Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina commemora a data de hoje que registra a descoberta do Brazil, em 1500.

E' para assignalar a bella iniciativa do nosso Instituto Historico, festejando as datas nacionaes, concorrendo assim para que não passem desapercibidos, como ainda se deu com a data de 21 de abril, os dias que a Republica inscreveu no calendario nacional, commemorativas dos principaes factos da nossa historia.

Cumpre-nos agradecer a communicação que pessoalmente nos trouxe a commissão do Instituto, composta dos nossos collegas de imprensa deputado José Boiteux, Abilio de Oliveira e Dr. Aristides Mello, e o convite que recebemos da directoria para assistirmos á essa sessão solemne.

ATMOSPHERA LUNAR

Desde as primeiras observações lunares feitas com telescópios ou lunetas, tem-se procurado descobrir no nosso satellite a existencia de um involucro gazoso que lhe sirva de atmosphera.

Varios têm sido os meios empregados para a solução deste problema, mas todos elles parecem deŋotar, senão a ausencia absoluta, uma extrema rarefacção desse meio indispensavel á vida vegetal e animal.

Emquanto que em Marte observam-se extensas camadas de nuvens a fluctuarem na sua atmosphera, e encobrendo temporariamente quer os continentes, quer os mares deste planeta tão analogo ao globo em que vivemos,—na Lua jamais se tem conseguido vêr o mais simples nevoeiro velando-lhe os detalhes topographicos.

A aurora e o crepusculo, dois phenomenos terrestres que sobre nós produzem tão diferentes impressões, e que são causados pela refrangibilidade dos raios solares ao atravessarem as camadas de ar,—não existem lá na Lua.

Naquelle astro visinho não se distingue essa delicada gradação da luz para as trevas; desde que o objecto não é illuminado directamente pelo sol, está immerso na mais profunda escuridão.

A luz não se diffunde lá como aqui. As sombras das altas montanhas estirando-se pelas planicies circumvisinhas, as das bordas das crateras projectando-se nos vastos circos interiores, não têm a meia-tinta que uma atmosphera, qualquer que fosse a sua composição, deveria produzir; são inteiramente negras.

Frequentes vezes a Lua em seu movimento de translação passa por defronte de estrellas brilhantes. Este facto tem tambem servido para a pesquisa de uma atmosphera lunar. Era de esperar que ao approximar-se do bordo da Lua a estrella não só perdesse alguma cousa da sua luz, por ter esta de atravessar um meio mais denso do que até ali, como apresentasse tambem um ligeiro desvio na sua posição pelo mesmo motivo.

Ora, uns observadores têm affirmado a producção destes phenomenos; outros, porém, a têm negado:

A extrema delicadeza de taes observações parece ser a causa desta divergencia.

Ainda ultimamente, por occasião do eclipse annular do Sol, a 11 de Novembro passado, empregou-se um novo methodo para a descoberta dessa atmosphera problematica. Obteve-se por meio de excellentes espectroscopios um extenso espectro solar, no momento em que a luz deste astro tangenciava o bordo da Lua. Esperava-se que a presença de uma atmosphera, mesmo muito rara, se revelasse por alguns phenomenos de absorpção. O resultado foi negativo.

Entretanto, apesar disto, alguns astrónomos, e entre elles Flammarion, pensam que a Lua não é inteiramente desprovida de um involucro gazoso.

As observações nos bordos, formados sempre de altas montanhas projectando-se umas por detraz das outras, nunca poderão descobrir vestigios de um resto de atmosphera cuja altitude fôr inferior a dessas montanhas; porquanto ella apenas se limitará a cobrir os profundos valles e as extensas planicies que foram em seculos idos leitos dos oceanos lunares. Tambem a atmosphera terrestre tem já perdido muito da sua densidade nas eminencias dos Andes e do Hymalaia.

SUFI JUNIOR.

DEUS É AMOR

A' Senhora (ou Senhorita?) *Maria*, em resposta á sua bella poesia intitulada—*Tudo ama*.

Lí, rejá as sete quadras
Que me offreceste, ó *Maria*!
Grato, á bella poesia
Passo, agora, a responder.
Ama tudo quanto vive;
Ama tudo quanto sente;
Porque foi o Omnipotente
Que tirou do nada o ser.

Deus é amor: é por isso
Que nos fez amar as bellas,
O campo, o mar, as estrellas,
As flores, a lua, o sol!
Deus é amor: este affecto
Tirar-se da creatura
E' pôl-a na sombra escura.
E' extinguir-lhe o pharol!

Amemos a Deus e ao proximo;
Amemos a natureza;
Amemos a redondeza;
Só porque Deus é amor!
Amor é da vida o germen;
Amor é prazer, ventura;
Sem amor a creatura
Só possui tristeza e dor!

Quem uné familias, raças,
Villas, cidades, imperios,
Em ambos os hemispherios?
E' o amor: a attracção!
Quem separa o pae do filho?
E quem separa as familias,
Nos continentes, nas ilhas?
E' o odio: a repulsão!

Sem o amor physiologico
Haveria humanidade?
Póde haver sociedade
Sem fraternas affeições?
Si não fôra amor ás Musas,
Não tiveramos Iliadas,
Nem Eneidas nem Lusíadas,
Nem amorosas canções!

Sem o amor á verdade,
Ao bello, ao justo, ao honesto,
Seria o mundo bem mesto:
Ninguem quizera viver!
Si não fora amor ás armas,
Aos bons os máos matariam,
E com certeza viriam
Muito breve a perecer!

A guerra é um mal necessario!
Como sai da morte a vida,
Assim da lucta renhida
Provém luminosa paz!
Como afugenta os miasmas
O tufo, que tudo aterra;
Assim a cruenta guerra
Grandes beneficios traz!

O amor, quer seja patrio,
Ou filial, ou paterno,
Ou conjugal, ou fraterno,
O amor é sempre amor!
E' o halito divino,
Que, descido das alturas,
Sobre as terras creaturas
Bafejára o Creador!

Viva, pois, o grande affecto
Que os viventes multiplica;
Que os humanos unifica
E traz civilisação!
Viva esse laço infinito
Que ao céu prende a humanidade!
Viva, emfim, a caridade,
Que é a—*Sagrada União!*—

A. P.

Sonata d'Alma

A *Araujo Coutinho*.

De um misero monge, que encerrado na escura cella, expirou os últimos lampejos de um amor moribundo.

Tudo é silencio vago e tetrico.

Pelos vastos corredores das immensas galerias do convento ninguem transita nesta hora fatal dos grandes commettimentos—a meia noite,—nem o estalido secco das vigas que cedem, da caliga que se desprende das abobadas nuas e alvas se ouve.

Tudo synthetiza o silencio sepulchral que ame-dronta e acovarda os espiritos fortes e mata os fracos. No fim da ultima arcada que sustem a abobada, por uma claraboia passa um feixe de luz clara da lua, que vagueia na amplidão, entre flocos de nuvens, farrapos dispersos do niveo veo celestial.

As doze badaladas do velho chronometro do convento vieram quebrar crimosamente o silencio mortuario desta casa das afflições eternas.

As badaladas do chronometro rolaram frias como sons profanos, como si fossem o grito de alarma da sentinella avançada, longe, muito longe do acampamento em uma solidão aterradora.

De uma cella cuja porta se conservava cerrada, sahia um gemido de moribundo... depois accentuou-se mais: era o cantico de um monge que dizia psalms em uma penitencia de mystico.

Rangeram os gonsos e assomou no fim da galeria a figura negra de um monge. O raio fugitivo da lua que entrava profanando este recinto com uma alleluia de luz branca e amorosa, inundou o rosto pallido e contricto de um h mem em plena juventude, que ia se apagando no recinto solitario de uma cella, que synthetiza a morte moral e parcial das illusões do mundo, e mesmo da vida em geral, que se apaga ao sopro continuo das dilacerações da Alma.

Chegado ao logar d'onde descia o fugitivo e indiscreto raio da lua, ajoelhou-se, ergueo os olhos contrictos para a nesga do céu, que se divisava e deixou que seu peito soltasse um magoado gemido, que como um echo criminoso se perdeu reboando nas vastas galerias do convento.

«Deus, perdoa o que meus labios resequecidos e cansados de orar, de dizer teu nome, vão soltar nesta hora de lembranças funestas.

«Encerrado ha bastante tempo em uma cella escura, isolado por completo das cousas mundanas, sinto que expirarei em breve, pois embora conte vinte e cinco annos, idade em que tudo é poesia, sou no entanto um exgottado que encara este ultimo lampejo de vida que inda possuo como a luz indecisa de uma lampada que se extingue.

Antes porém que minh'alma se desprenda do involucro terrestre, quero, meu Deus, que saibas que lá fóra, no mundo me chamei Raul, fui amado e amei, e hoje, que me chamo Frei Leandro, conservo ainda impresso nos labios o ultimo beijo de Amor de minha derra leira amante.

Foi por uma noite de luar, bella e perfumosa, cheia de attractivos que, como de costume, avido, sequioso, ardendo em febril desejo de goso, dirigi-me para o logar de nossas constantes entrevistas e lá não encontrei aquella por quem meu coração pulsava.

Relampagueou pela minha mente um clarão rubro de suspeita.

Sofrego de vingança, com o espirito contaminado pela idéa de uma traição, retirei-me acabrunhado. Apenas tinha dado alguns passos ouvi um sussurro de vozes amorosas.

Com cuidado approximei-me, e por entre as folhas de um caramanchel divisei a minha amante com outro.

Ferido no que se tem de mais digno e nobre—a honra—e louco ante o spectaculo que presenciava, sem dizer uma palavra, silencioso colloquei-me em frente de ambos.

Elle, covarde, procurou fugir; tive porém a energia precisa e impedi-lhe a fuga, dirigindo-me calmamente a ingrata que me atraçoára, disse:

—Adeus, Julia; e parti.

No dia seguinte entrei para este convento a expiar o meu criminoso amor.

Agora que sinto que se aproxima a derradeira hora de minha existencia, morro com a consciencia limpa por ter confessado a ti, meu Deus, o meu crime: amar uma *doidivana*»

De novo rangeram os gonzos e restabeleceu-se o silencio.

Pela manhã o irmão visitador encontrou estendido não chão de sua cella o corpo inanimado d'aquelle que se chamou na vida mundana Raul, e na do convento Irmão Leandro.

Era o epilogo de um drama cujo prologo tivera acção neste mundo de miserias.

DONATO SILVA.

SAUDE PUBLICA

A peste bubonica reapareceu nas republicas do sul, decretando por isto, o governo federal, quarentena para os navios d'aquella procedencia.

Em Porto-Alegre tambem esse mal está fazendo victimas.

Destas columnas já demos um grito de alerta, pedimos providencias ao nosso governo, e agora de novo o fazemos porque não bastam as medidas tomadas em relação aos navios procedentes do Prata.

Torna-se muito e muito necessario que o governo estadual, velando pela saude publica, tome tambem providencias afim de que a peste não seja conduzida pelas embarcações vindas da capital do visinho Estado do sul.

Infelizmente, é de se temer, por falta de medidas preventivas—não só a visita do mal egypcio, mas tambem a da febre amarella, que está grassando com grande intensidade, na capital federal.

Os vapores desta procedencia aqui aportam, sem ao menos soffrerem desinfecção!

A nossa cidade continúa a exigir saneamento, de que muito se reseate.

Porque, pois, não se procura meios de evitar a entrada destes dous inimigos que nos ameaçam, e que aqui encontrarão campo vasto para, na sua marcha destruidora, espalharem o terror e o lucto?

Que se espera?

Que se dê entrada aos inimigos, para depois da casa arrombada pôr-se trancas de ferro?

Não. Os poderes competentes a quem está affecto o serviço do saneamento da capital, devem exigir o cumprimento dos preceitos estabelecidos pela hygiene. Maudem limparas praias, os corregos e as ruas; acabem com os depositos de ciscos, que não devem ser quasi no centro da cidade como o são; recommendem maior cuidado aos conductores das carroças da limpeza publica, que de quando em vez, assignalam a sua passagem, deixando pelas ruas um rastro que trescala a *aroma* insupportavel.

Tomando estas medidas, que não devem a nosso ver ser desprezadas, muito lucrará a nossa cidade.

Si o thesouro não pôde fazer face ás despezas necessarias com a aquisição do indispensavel para o serviço da desinfecção dos navios procedentes dos portos suspeitos ou sujos, appelle-se para o povo, e, estamos certos que elle concorrerá, na medida de suas forças, com qualquer quantia, afim de que, levando-se a effeito esse serviço—evite-se a invasão de tão perigosos e fataes inimigos.

Delonga em caso destes só nos causará prejuizo.

Ainda uma vez repetimos: antes prevenir do que remediar.

SONETO

Offerecido a um amigo intimo (INEDITO)

Allivio dos mortaes, doce Amizade.
Tu és filha do Céu! do Deus clemente
Ao triste humano és dom, grato presente
Que prôvida concede a Divindade!
Tu dás consolações, serenidade
A quem soffre pezares descontente!
A quem mil amarguras triste sente
Tu restitues prazer, felicidade!
Teu balsamo saudavel, precioso,
Ah! derrama nas chagas miseraveis
Que soffre o coração tão pezaroso!
Teu sorriso fiel, fallas affaveis
Vem liberalizar a um desditoso,
Que soffre magoas mil insupportaveis!
1861. *Paulicéa Marques.*

INSTITUTO HISTORICO

Sob a presidencia do sr. Dr. Campos Mello, secretario pelos srs. deputado José Boiteux e professor Fernando Machado, reuniu-se a 24 do mez findo, em sessão ordinaria, o Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina.

Compareceram mais os srs. desembargador Antero de Assis, Drs. Faust de Souza, Henrique Valga, Aristides Mello, Thiago da Fonseca e Henriques de Paiva, padre Dr. Gercino de Oliveira, coronel Emilio Blum, Abilio de Oliveira e Arthur Lima.

Foi recebido com as formalidades do estylo e tomou posse de sua cadeira o novo consocio, nosso distincto conterraneo sr. Sergio Nolascó de Oliveira Paes, cujo discurso produziu melhor a impressão.

Para S. Joaquim da Costa da Serra seguiu o nosso collaborador José Vieira da Rosa.

Club da Imprensa

Foi organizado, domingo ultimo, o *Club da Imprensa*, cuja directoria provisoria é a seguinte: Presidente, José de Araujo Coutinho; Secretarios, Edgard Schutel, Heitor Luz e José Boiteux. Para a confecção dos estatutos foi eleita a seguinte commissão: Edgard Schutel (relator), Dr. Aristides Mello e José Boiteux.

O *Club da Imprensa* tem por fins principaes:

a) Solidariade, mutuo auxilio e recreio instructivo dos seus socios effectivos, que compor-se-hão dos editores, redactores, gerentes, collaboradores e reporters dos jornaes em actividade; corporação typographica; proprietarios, administradores e pessoal de gabinete ou typographias.

b) Propaganda da instrucção e educação scientifica, litteraria e artistica por meio de publicações impressas, conferencias, representações theatraes ou outra qualquer forma de serões litterarios.

c) Propugnar pela nacionalisação da litteratura e das artes catharinenses.

d) Commemoração das datas celetres da Historia de Santa Catharina

e) Reerguer as tradições elevadas da nossa terra

f) Tornar conhecidas e apreciadas fóra do Estado a nossa Imprensa, a nossa litteratura e as nossas artes.

g) Organisar, quando possivel, uma bibliotheca e um archivo, porém somente de livros impressos, manuscritos e documentos referentes á Santa Catharina.

h) Reviver todas as antigas festas populares de nossa terra.

—Desejamos ao Club, que vem de ser organizado, um futuro prospero.

No dia 27 de Abril ultimo passaram-se 402 annos que por ordem do almirante portuguez Pedro Alvares Cabral, em Porto Seguro, foi derribada a arvore cujo tronco, transformado em cruz, foi o primeiro marco que a civilisação européa implantou nas plagas do Brazil.

O BINOCULO

Temos sobre a mesa os ns. 1, 2 e 3 do *Binoculo*, organ humoristico e noticioso, que vê a luz n'esta capital.

Longa vida lhe desejamos.

CARTA PASTORAL

Foi publicada uma carta pastoral do nosso patricio D. Eduardo D. Silva, bispo de Goyaz, que trata dos *Abusos e males da imprensa*.

Recebemos um exemplar que nos foi offerecido pelo distincto amigo padre Gercino de Oliveira.

Gratos pela gentileza.

FOLHETIM

6

PINHEIRO CHAGAS

TRISTEZAS A' BEIRA-MAR

II

Jorge frequentava a sua casa, mas o devaneador e estudiado moço nunca mostrara uma sympathia muito pronunciada pela conversação de Leonor. A pobre menina, como sabem, não conhecia nem os recursos da garridice, nem tinha tambem litteratura que a habilitasse a sustentar uma pratica interessante com um rapaz como Jorge, que mais convivía com os livros e com elles mais se queria do que com os homens. O filho do antigo socio de Bartholomeu gostava de contemplar a furto a belleza original de Leonor, presentia vagamente a agreste poesia daquelle genio inculto, mas não passava d'isso, e não se sentia com animo nem de ser pedagogo de tão gentil discipula, nem de sacrificar as suas predilecções litterarias ao indefinivel encanto d' aquella flor dentre as fragas.

Um dia fóra Jorge sentar-se nos franguedos da beira-mar, levando consigo um poema, como bastantes vazes, costumava fazer porque saboreava melhor a poesia commentada por esses magni-

ficos espectaculos e a harmonia das vagas era-lhe delicioso acompanhamento para o rythmo dos versos. Desmaiava já o Sol no horizonte distante, illuminando com os ultimos raios o arido cumo das rochas, incendiando os vidros de uma capella isolada, aureolando o vulto melancolico da cruz e aspraiando uma longa faixa de ouro pela tela esverdeada das ondas. No ponto extremo em que o mar se confunde com o céo, a vela branca de um barco de pesca surgia como que immersa num oceano de esplendor. Aquella hora, á beira-mar, tem menos survidade, porém mais grandezas, do que nos campos. Não se ouvem ali nem murmurios indefiniveis, nem canto longinquo dos lavradores, nem mugido das bois que voltam para o curral, nem balidos de ovelhas que o pegueiro junta para as can luzir ao aprisco. Ali ouve-se apenas o eterno bramido do Oceano! A terra, sáfira e nua, não tem um canto, um hymno, um murmurio com que se vá embalando antes de adormecer no regaço da noite. O crepusculo nos campos é como que o despedir saudoso do moribundo das delicias e a existencia, que até nessa ultima hora lhe estão suavizando o calice amargo do transitio. O crepusculo á beira-mar é o momento solemne em que o homem, balouçado entre a duvida e a esperança, encara, tremente e pavidó, o sombro mysterioso da eternidade!

Jorge, embevecido nesta melancolia austera, contemplava ora o decahir da luz no seio das ondas, ora murmurava alguns versos, quando viu de

subito, saltando de fraga em fraga com uma agilidade de gamo e dirigindo-se para o sitio onde elle estava, um rapaz airoso, vestindo um casaco de velludo preto justo na cintura, e trazendo na cabeça um elegante chapéu. Jorge fitou nelle por um pouco um olhar meio curioso, meio distrído, mas como ainda vinha tão distante que não se lhe podiam distinguir as feições, Jorge voltou de novo os olhos para o livro que estava lendo.

—Que terá esses livros, que tanto lhe absorvem a attenção? disse junto delle, passados alguns instantes, uma voz, cujo timbre feminino o fez estremecer.

Jorge levantou os olhos e viu Leonor. O chapéu, cuja forma lembrava os chapéus de amazona, a cuspia lhe prendia as tranças negras, que amecavam rebelir-se contra o captivo. A sua estatura fina e elegante desenhava-lhe admiravelmente o casaco justo; a cor negra do facto dava-lhe um grand realce á alvura ou antes á pallidez do rosto, onde fulguravam com um brilho selvagem os dois diamantes negros de seus olhos. O traje masculino fazia mais *picante* a belleza, já de si original, da neta de Bartholomeu. Jorge olhou-a com espanto e involuntaria admiração.

—Que gentil moço! disse elle, erguendo-se e estendendo-lhe a mão, com um sorriso nos labios. Adoptou esse disfarce para endoidecer duplamente as suas companheiras, ás quaes, senhora, inspira inveja, e cavalheiro, paixão?

(Continúa).

União dos Artistas

Commemorando a confraternização do operariado universal, installou-se solemnemente ante-hontem a sociedade *União Beneficente dos Artistas*, ha pouco organizada.

A cerimonia teve logar no sobrado a rua Nunes Machado, que se achava vistosamente ornamentado.

A entrada, nas paredes lateraes da escada, destacava-se, emergindo do meio de folhagens, escudos representando dezoito Estados da União Brasileira.

No patamar, na parede do fundo, via-se um espelho tendo na base um outro escudo representando o nosso Estado ladeado pelos do Paraná e Rio Grande do Sul.

O salão principal apresentava magnifico aspecto. Ao fundo, em frente a mesa da directoria, achava-se collocado em elegante docel o estandarte da Imprensa e pelas paredes viam-se quadros, festões e palmas.

A's 7 1/2 já era grande o numero de familias e associados; ás 8 1/4, tendo chegado os representantes da Imprensa e a sociedade musical *Amor á Arte* o sr. Pedro Bosco, presidente da sociedade, abriu a sessão, apresentando um pequeno mas circunstanciado relatorio dos factos occorridos durante a gestão da directoria provisoria, depois do que foi dada a palavra ao orador official nosso amigo Heitor Luz, que proferio bellissimo discurso allusivo ao acto.

Usaram tambem da palavra, fazendo eloquentes allocuções os representantes da imprensa e os socios Joaquim da Natividade e Silva, Luiz Pacifico das Neves e Antonio Joaquim Soeiro, que dirigiram á sociedade palavras de animação.

Em seguida o sr. Pedro Bosco, em breves palavras agradeceu a todas as pessoas que honraram a festa com a sua presença e convidou-as a servirem-se de um copo d'agua, encerrando a sessão.

Por essa occasião foram erguidos muitos vivas á directoria e a sociedade, e ao operariado universal.

Os nossos collegas da *Republ. ex. O Dia, O Estado e O Commercio* achavam-se representados pelos srs. Francisco Oliveira, Araujo Coutinho e Heitor Luz.

O *Sul-Americano* fez-se representar pelo nosso companheiro Manoel Roberto Rilla.

A sociedade *Amor á Arte* muito concorreu para o brilhantismo desta festa dos artistas catharinenses, executando com toda a correção excellentes peças musicaes.

Agradecendo a gentileza do convite com que fomos distinguidos, desejamos á *União dos Artistas* vida longa e muitas felicidades.

BISPO DIOCESANO

Deve chegar á 5 do corrente a esta capital, S. Ex. Reverendissima D. José de Camargo Barros, Bispo Diocesano, a quem será feita condigna recepção.

A Sul-America

Do agente desta acreditada Companhia, recebemos um folbeto que contém o balanço e relatorio correspondentes ás operações effectuadas em 1901.

O balanço, que honra a administração dessa Companhia, é uma cabal garantia para os seus segurados.

Chamamos a attenção do publico para esta publicação.

CORAÇÃO DE JESUS

Consta-nos ter embarcado hontem na Europa, com destino a esta capital, o superior da congregação do Sagrado Coração de Jesus.

DOIS CAMINHOS

Trilhávamos nós dois a mesma estrada que além se bifurcava; mas tu ias cantando as glorias de ditos dias, eu lamentando a vida já passada!

Flores em profusão pelos caminhos os ares aromavam com perfumes exquisitos. As fontes em queixumes claras aguas rolavam entre seixinhos!

Seguíamos... Cantavas a ballada do teu sonho de moça enamorada, seduzida talvez por doce crença!

Quando nos separámos com ternura, tu seguiste o caminho da ventura, mas eu... triste de mim! o da descrença!

Março.

1° DE MAIO

Pela primeira vez vimos festejada nesta capital a data consagrada a confraternização do operariado universal.

A excellente banda de musica da *Liga Operaria* tocou a alvorada em frente ao edificio-séde, fazendo em seguida um passeio pelas ruas da cidade, dirigindo cumprimentos a imprensa.

A' noite illuminou a fachada da séde, fazendo retreta no salão principal, que fôra franqueado ao publico.

A *União dos Artistas* tambem festejou a mesma data com uma sessão solemne.

O *Sul-Americano*, por aquelle motivo saula o operariado catharinense.

ANNIVERSARIOS

Fizeram annos: ante-hontem, a gentil senhorita Diamantina Demaria, dilecta filha do sr. João Bonfante Demaria, e a pequena Julieta, filha do nosso companheiro João Gualberto da Silva.

Fazem annos a 5, a senhorita Erothide Costa, filha do nosso collaborador Firmino Theotônio da Costa, e a exma. sra. d. Angela Fernandes, esposa do nosso amigo João Baptista Fernandes.

Influencia da musica sobre a organização humana

Philippe V, rei da Hespanha tinha sido atacado de alienação mental; a rainha, que sabia o quanto seu esposo era sensível aos encantos da melodia, mandou chamar o celebre cantor Farinelli, afim de experimentar se a voz encantadora deste artista poderia trazer algumas melhoras no estado deploravel do rei alienado.

Executou-se um concerto no quarto vizinho ao do rei; Farinelli esteve inexcédível. Durante a primeira peça, Philippe experimentou a principio uma surpresa que mudou-se em uma viva emoção; a segunda aria acabou de transportal-o.

Então pediu que lhe apresentassem o novo Orpheu, ao qual elle prodigalison elegios, e prometeu fazer-lhe a graça que elle lhe pedisse.

Farinelli, a quem tinham ensinado a lição, supplicou ao rei que permittisse que o barbeassem e que o vestissem, afim de Sua Magestade poder presidir o seu conselho que o reclamava em vão havia alguns annos.

O pedido foi satisfeito, a saúde do rei foi melhorando, e, pouco a pouco, elle recuperou a razão, continuando a ouvir todos os dias os concertos do artista italiano.

TRIOLET

Eu não sei por que razão
Tem-se calado o Athayde;
Se não é por muita lide.
Eu não sei por que razão
De medico o casacão,
Pendurou-o num cabide?
Eu não sei por que razão
Tem-se calado o Athayde.

CLUB 16 DE ABRIL

Agradecemos o officio que nos enviou a directoria deste club, communicando a sua posse, que teve lugar a 16 do mez passado.

Está em festas o lar do nosso amigo Francisco Bertho, por motivo do nascimento de seu filhinho Iracy.

A ESTAÇÃO

Correspondente á primeira quinzena de Abril, tendo o numero 7, recebemos pelo Desterro, *A Estação*, que contém muitos figurinos e excellente parte litteraria.

CARTA PASTORAL

EDUARDO DUARTE SILVA

Por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica,
Bispo de Sant'Anna de Goyaz, etc.

AO NOSSO VENERAVEL CLERO PAZ E BENÇÃO EM NOSSO
SENHOR JESUS CHRISTO

(Continuação do n. 131)

7. As perguntas devem fazer-se pelas mesmas palavras do compendio, assim como as respostas, como meio mais facil de aprender. Mas não deve passar uma só que não seja bem entendida, ainda que se gaste muito tempo em se explicar (1), porque os paes usam de muitas expressões diferentes das do Catechismo, ou não lhes dão a mesma significação. Estas explicações podem fazer-se segundo o Catechismo Romano, ou pelos Autores Theologicos.

8. A pergunta deve sempre formar um sentido completo, ainda que se repita muitas vezes, e nunca pela palavra *dize tu*:—porque podem os meninos estar distraídos, ou esquecer-se logo della.

9. Devem fazer-se perguntas aos meninos interpoladamente, e segundo a sua capacidade; mas a todos sem excepção, porque com as respostas de uns se dá emulação aos outros, e se excitam os paes a ensinal-os, e mandal-os ao Catechismo.

A's pessoas adultas nunca se devem fazer perguntas, excepto se ellas quizerem, aliás fugirão deste acto.

10. Quando a pergunta for muito importante, deve repetir-se; e para conhecer si os meninos o entendem bem, pode variar-se por diferentes palavras, e pelo impressão que nelles fizer, pelo seu modo de falar, pelo seu ar, e feições do rosto poderá conhecer si o entendem, ou não.

Mas quando ella for algum tanto longa, ou difficil, devem-se fazel-a de modo que cesine ao mesmo tempo a resposta; porque então os meninos se desembaraçarão com honra, e nós apoiaremos a sua decisão, reforçando-a ou adoçando-a, conforme ella o pedir, guardando-nos sempre de formar consciencias falsas, ou de dar por mortal o que é venial, e por preceito o que é só conselho.

11. A cada pergunta pôde juntar-se uma subpergunta, que esclareça a materia, e faça sentir mais a verdade que se quer mostrar, a virtude que se quer inspirar, ou maxima que se quer estabelecer. Por exemplo, respondeu um que a confissão deve ser inteira? pode depois perguntar-se-lhe: Quem cala os peccados na confissão a faz boa?

12. Deve estudar-se o genio e capacidade dos meninos, para se accommodar a elles, observando o sentido que dão a certas palavras, e o modo como expõem as suas idéas, para lhes aclarar tudo, ajudando os tímidos com fazer valer o pouco que disserem, e contendo sobriamente, e a proposito, os atrevidos e inconsiderados sem os irritar.

13. Para ganhar melhor a sua confiança é bom fazer caricias a todos, mas ás meninas com mais gravidade; e para lhes dar mais emulação pôde propor-lhes alguns premios de rosarios, livros, estampas, ou dinheiro.

14. Devem fazer-se a cada pergunta, de uma maneira clara, tocante e util, reflexões que lhe convenham naturalmente, sem todavia estar para issa a falar continuamente por muito tempo; porque os meninos facilmente perdem a attenção, ou se poem a divertir.

Estas reflexões são muito importantes: um Catechismo que não é semeado d'elles, ou de uma boa moralidade, é quasi inutil e infructuoso.

15. Para conhecer melhor a capacidade, e aproveitamento dos meninos, ter attentos estes, e os adultos, e imprimir mais fortemente as verdades moraes no espirito de todos, é bom propôr aos meninos alguns casos praticos, e pedir-lhes a decisão, mas com prudencia e caridade, e depois de ouvir as decisões de muitos, dirá a que é boa ou melhor. Todos os assistentes esperam com muita curiosidade, e ouvirão com grande attenção e fructo estas decisões, que depois devemos apoiar, como ellas o pedirem.

Mas não devemos fazer questões subtis, curiosas, problematicas, ou contrarias aos mysterios, por causa da má impressão que podem fazer nos espiritos dos meninos, e povo simples.

(1) 1. Cor. 14. 19.